

Por Ben Ahfkael, nascido no ano Uriath 2995.

Dedico estas palavras ao soberano Plendor e ao povo de Caryndor. Que Ur os conduza e proteja, mesmo quando as sombras ameaçam apagar a luz.

Ano Benkael 393.

Na companhia de meu estimado amigo, Astrik, o da Barba Cinza, recebi a infausta notícia: Caryndor havia sucumbido ante a supremacia de Hakerot. Embora os detalhes me cheguem ainda como ecos distantes, soube que Karith Bet Caryn — o último bastião da resistência no norte — caiu há poucos dias. Três jornadas depois, os exércitos hakerotianos tomaram Caryndor, no que foi descrito como o mais brutal dos conflitos já testemunhados no Thaldor Nórdico.

Enquanto preparo-me para averiguar tais eventos com meus próprios olhos, sinto-me compelido a registrar, antes que se percam nas névoas do tempo, os relatos de minhas visitas ao glorioso Caryndor e a história de sua origem — legado que não deve, em hipótese alguma, ser esquecido. Nos idos de Benkael 140, o Thaldor Central encontrava-se dilacerado por incessantes guerras entre os reinos de Austerion e Gilkat. Eram povos que, embora descendentes de um mesmo tronco ancestral, permitiram que o sangue derramado sepultasse para sempre qualquer vestígio de fraternidade.

Foi nesse cenário que se ergueu Caryn Tash Gilkat, filha de Lorde Brieno Tash de Abin Bet Gilkat e da sábia Lady

Alisha Ashik Tash Gilkat. Tinha apenas dezoito invernos quando a guerra lhe roubou pai, lar e segurança. Lorde Brieno tombou defendendo sua cidade contra a ofensiva austeriana. Nos momentos derradeiros, ordenou que um fiel servo conduzisse sua esposa, sua filha Caryn e o jovem Lydon, seu filho mais novo, para longe do fogo e da morte. Iniciou-se então uma jornada de dois longos anos rumo ao noroeste — uma travessia marcada pela dor, mas também pela resiliência. E foi neste exílio que Caryn revelou-se não apenas uma jovem nobre, mas uma estrategista nata. Enquanto Lydon empunhava a espada e Lady Alisha sustentava os ânimos do grupo, era Caryn quem traçava as rotas, negociava abrigo e tomava as decisões que garantiam sua sobrevivência.

Quando o servo que os protegia tombou, vítima de saqueadores, foi Caryn quem, sem hesitar, assumiu a liderança. Refugiaram-se, então, nos campos de Irihash, um agricultor de coração generoso, porém de visão limitada. Durante uma estação inteira, Caryn trabalhou incansavelmente, economizando cada moeda, com a intenção de um dia adquirir terras e erguer um novo lar. Mas o destino, esse artífice imprevisível, mais uma vez alterou seus planos. O feudo de Irihash foi saqueado por bárbaros sob a liderança de Bruveh Poorgum, um guerreiro brutal das terras de Igith, o chamado Rei Selvagem. Lydon tombou defendendo sua família, e Caryn, juntamente de sua mãe, foi capturada e reduzida à condição de serva no

acampamento bárbaro.

Para muitos, esse seria o fim. Para Caryn, foi apenas o começo.

Entre os bárbaros, ela não se deixou consumir pela desesperança. Sua inteligência rapidamente se revelou uma arma mais afiada que qualquer lâmina. Organizou recursos, solucionou disputas e, gradualmente, conquistou respeito e influência. Foi nesse período que ela concebeu o Código Bárbaro, um conjunto de leis que trouxe ordem ao caos — substituindo o reinado do mais forte por uma sociedade onde a justiça, ainda que severa, começava a florescer.

Quando Bruveh Poorgum encontrou seu fim em uma tentativa frustrada de saquear Fileia Bet Filen, Caryn foi aclamada como líder, embora precisasse enfrentar, em duelo ritual, um guerreiro rival. Sua vitória não apenas selou seu domínio, mas também marcou o início de uma nova era.

Como soberana, sua primeira decisão foi libertar todos os escravos, oferecendo-lhes cidadania em troca de lealdade. Vendeu, então, todos os recursos do acampamento, enfrentando resistência interna, e utilizou a riqueza obtida para adquirir terras férteis ao redor de Fileia Bet Filen. Mas Caryn não se limitava a comprar. Ela transformava. Revitalizava as terras, tornava-as produtivas, e as revendia com lucros que ampliavam sua rede de influência. Assim, teceu uma teia de comércio e alianças que tornou

dependentes tanto os antigos bárbaros quanto os reinos vizinhos. Sua ascensão não foi erguida sobre espadas, mas sobre contratos, acordos e prosperidade compartilhada.

Quando, enfim, adquiriu Fileia Bet Filen, proclamou ali o nascimento de Caryndor, encerrando seu vínculo com a linhagem Gilkat e inaugurando um novo legado. Sob seu comando, Caryndor tornou-se um reino singular, forjado não na guerra, mas na inovação, na cooperação e na visão de um futuro possível.

Caryn Ashik governou até o fim de seus dias com sabedoria, compaixão e firmeza. Instituiu uma tradição incomum: apenas mulheres poderiam ascender ao trono. Sob sua dinastia, Caryndor tornou-se símbolo de estabilidade e progresso em Thalderis, e suas sucessoras perpetuaram não apenas seu nome, mas seus ideais. O povo de Caryndor não a lembra apenas como uma rainha, mas como uma visionária. Uma mulher que, com determinação inquebrantável, transformou um grupo de bárbaros em um império — e provou que até das cinzas da ruína, podem nascer reinos de luz.